



## LABRASHURIAS: A LINGUAGEM PRETOGAYS DAS IGREJAS INCLUSIVAS PENTECOSTAIS

### LABRASHURIAS: THE PRETOGAYS LANGUAGE OF PENTECOSTAL INCLUSIVE CHURCHES

Átila Augusto dos Santos\*

**Resumo:** O "pretogays" (SANTOS, 2022) é uma linguagem típica da comunicação de pessoas gays e que também é utilizado nas igrejas inclusivas, resultado da interseção entre a categoria epistêmica "pretoguês" (GONZALEZ, 1988), o linguajar "pajubá" (LIMA, 2017), "dialeto" de "resistência" de parte dos travestis e transexuais e a "glossolalia" (SULLIVAN, 2020), fala característica e mística dos pentecostais. Essas três são forma de comunicação entre pessoas LGBTI+ nas igrejas inclusivas pentecostais. Igrejas que não condenam a sexualidade dissidente, mas a consideram como um dom divino. A interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) entre raça, classe, gênero, linguística e religião pode desempenhar um papel fundamental na compreensão dos agentes religiosos que utilizam a linguagem "pretogays", pois a palavra e a fala como signos performativos estão intrinsecamente ligadas à corporeidade preta, gay e pentecostal.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo. LGBTI+ negros/as. Igrejas inclusivas. Linguagem inclusiva. Dialeto pretogays.

**Abstract:** The "pretogays" language (SANTOS, 2022) is a linguistic manifestation resulting from the intersection of the epistemic category "pretoguês" (GONZALEZ, 1988) and the vernacular "pajubá" (LIMA, 2017), a "dialect" of "resistance" used by some transvestites and transgender individuals, along with the "glossolalia" (SULLIVAN, 2020), a characteristic and mystical speech among Pentecostals. These three forms of communication are employed by LGBTI+ individuals in inclusive Pentecostal churches. These churches do not condemn dissident sexuality but view it as a divine gift. Intersectionality (CRENSHAW, 2002) between race, class, gender, linguistics,

\* Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Fellowships na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign-EUA; <https://ifuss.illinois.edu/fellows-affiliates/>. Mestre em Ciências da Religião e Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduação em Direito pela Universidade Cruzeiro do Sul. Pastor da Igreja da Vila e Advogado atuante. Pesquisa: Gênero, Negritude, Pentecostalismo e Igrejas Inclusivas. Faz parte do Grupo de Pesquisa Gênero e Religião da Revista Mandrágora/NETMAL (UMESP) e Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) e do Grupo de Pesquisa, Protestantismo e Pentecostalismo GEPP- PUC/SP. E-mail: atilasantosadv@gmail.com

and religion can play a crucial role in understanding religious agents who use the "pretogays" language, as the words and speech as performative signs are intrinsically linked to the black, gay, and Pentecostal corporeality.

**Keywords:** Pentecostalism. Black LGBTI+. Inclusive churches. Inclusive language. Pretogays dialect.

## PRELIMINARES

Este trabalho se baseia nas obras de autores clássicos dos estudos de gênero, sexualidades e interseccionalidades, incluindo Judith Butler<sup>1</sup>, Michael Foucault<sup>2</sup>, e Kimberlé Crenshaw<sup>3</sup>. É importante, também, destacar a influência significativa de Lélia Gonzalez<sup>4</sup>, possivelmente a primeira intelectual e pesquisadora brasileira a advogar pela necessidade de uma abordagem articulada das relações raciais, de gênero e de classe. Ela desempenha um papel fundamental em minha trajetória intelectual. Como uma verdadeira intérprete do Brasil. A autora cunhou o termo "pretoguês", uma construção epistemológica que merece análises mais aprofundadas. O "pretoguês" nos ajuda a entender melhor a linguagem "pretogays" falada em aproximadamente 130 igrejas inclusivas pentecostais existentes no Brasil, com mais de 1 milhão de pessoas LGBTI+. Apesar de diferentes autores já analisarem as igrejas inclusivas no Brasil<sup>5</sup>, pouco se fala da linguagem nelas utilizada. Uma linguagem que abarca também questões identitárias LGBTI+ pentecostais que vão além das contempladas no Pretoguês e no Pajubá.

<sup>1</sup> BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

<sup>3</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 172, p. 171-188, 2002.

<sup>4</sup> GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

<sup>5</sup> NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou: a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. 2008. 342 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008; NATIVIDADE, Marcelo. Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa. **El País**, São Paulo, 31 jul. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936\\_254948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html). Acesso em: 31 out. 2023; JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

## DE ONDE FALO

Eu sou um indivíduo cis, negro, gay e pentecostal, casado e pai de um menino. Minha origem familiar se assemelha à de muitas famílias "tradicionais" dos anos 70, com pai, mãe e quatro filhos, todos criados como cristãos pentecostais na periferia de São Paulo. Minha jornada até a academia foi profundamente influenciada pela minha fé pentecostal.

Durante minha pesquisa de mestrado, tomei a iniciativa de explorar mais a fundo a interseccionalidade de Crenshaw<sup>6</sup>, pensando de maneira pioneira as avenidas identitárias que atravessam as pessoas pretas nas igrejas inclusivas. Até então, poucos pesquisadores haviam abordado as igrejas inclusivas em sua diversidade racial, ou seja, a "face pública" e "acadêmica" das igrejas inclusivas era predominantemente branca. Essas igrejas não apenas abstêm-se de condenar a sexualidade dissidente, mas a reconhecem como um dom de Deus. Na pesquisa, pude observar uma participação significativa e uma profunda vivência religiosa da comunidade negra nessas igrejas. No entanto, essa dinâmica adquire uma complexidade ainda maior quando consideramos o surgimento de uma linguagem que denominei "pretogays", nesse contexto. Essa linguagem pode ser, assim como o pretoguês e o pajubá, uma manifestação da herança linguística diversificada africana, que ocorreu tanto antes quanto depois da colonização africana. Tais influências persistem até os dias de hoje. Por isso, o dialeto "pretogays" pode ser empiricamente observado na convivência social com os/as fiéis das igrejas inclusivas.

## AS INFLUÊNCIAS AFRICANAS EM NOSSA LÍNGUA

O idioma que falamos não é apenas um meio de comunicação; ele reflete as construções socioculturais do ambiente em que se desenvolveu. Quando os portugueses chegaram ao Brasil e iniciaram o processo de colonização em 1500, eles buscaram impor seu poder e sua visão de mundo por meio do idioma. No entanto, esse idioma não permaneceu imune aos contatos entre os diversos grupos que habitavam a região. Assim, desenvolveu-se uma maneira única de falar o português no Brasil, com contribuições significativas da linguagem usada pela população africana que

---

<sup>6</sup> CRENSHAW, 2002.



desempenhou um papel fundamental em nossa formação enquanto sociedade. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas, também, um mecanismo de transmissão da cultura<sup>7</sup>.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram inúmeros povos nativos que já possuíam seus próprios idiomas e modos de comunicação. Para facilitar a comunicação, eles adotaram a língua geral, especialmente aquela associada à família linguística tupi-guarani. Durante o processo de colonização, a língua Tupinambá, devido à sua ampla utilização ao longo da costa atlântica, foi incorporada por muitos colonos e missionários. Ela era ensinada aos índios nas missões e reconhecida como Língua Geral ou Nheengatu.

Até o final do século XVIII, a língua Geral era a mais amplamente praticada no Brasil. Com o aumento da população de portugueses e africanos no país, juntamente com decretos que estabeleceram o uso da "língua do rei" como a forma oficial de comunicação no Brasil, o português foi gradualmente imposto à população. Ao longo da história, o português, ao interagir com línguas indígenas, a língua geral e línguas africanas, sofreu modificações específicas<sup>8</sup>. Essas "adaptações" culminaram na forma de português falada no Brasil.

Durante o período de colonização, com a chegada de africanos que desempenharam o papel de mão de obra escrava e que se dispersaram por diferentes regiões do Brasil, houve uma modificação nos registros linguísticos da colônia portuguesa na América. As línguas africanas, como Nagô, Quimbundo, Congolesa e Yorubá, contribuíram significativamente com a composição linguística do nosso país<sup>9</sup>.

Esses africanos, de origens diversas, foram intencionalmente misturados para dificultar a comunicação entre eles e, assim, evitar a organização de revoltas contra seus senhores. No entanto, muitos deles não consideravam o português uma língua totalmente estranha, pois, a maioria dos escravizados africanos no Brasil "provinha de

---

<sup>7</sup> PEAD. **Vocabulário como reflexo da cultura**. 2019. Disponível em: <http://www.pead.letras.ufrj.br/tema10/vocabuloreflexo.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

<sup>8</sup> GUIMARÃES, Eduardo. A Língua Portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, abr./jun. 2005. p. 25.

<sup>9</sup> CARVALHO, José R. de. A Construção da Identidade de uma Nação por meio da Língua Escrita e Falada. **Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 83-90, 2008.



possessões portuguesas na África"<sup>10</sup>. Assim, eles gradualmente aprenderam essa língua de "intercurso" com a qual os "capatazes lhes gritavam" e que, mais tarde, usariam para se comunicar entre si, contribuindo assim para "aportuguesar o Brasil"<sup>11</sup>.

Nesse contexto, africanos de diferentes regiões, como os yorubás e grupos originários de regiões que incluem Serra Leoa, Gâmbia, Senegambia, Angola e Moçambique, tiveram que se adaptar. Para isso, eles incorporaram a língua de seus senhores e a enriqueceram com influências linguísticas africanas<sup>12</sup>. Espalhados pelo Brasil devido ao trabalho nas áreas rurais e urbanas, esses africanos tiveram um impacto significativo na esfera linguística, principalmente nas áreas de fonética e morfologia das palavras.

A área linguística mais afetada na língua portuguesa foi a fonética e a morfologia, uma vez que línguas como o nagô e o quimbundo são línguas aglutinantes, desprovidas de sistema flexional. Isso levou a uma redução das flexões e à corrupção dos fonemas, resultando em uma grande variedade de alofones e alomorfes. Um exemplo típico disso é a tendência das populações menos escolarizadas e mais distantes da costa de flexionar os verbos apenas em duas pessoas: "Eu gosto, tu gosta, ele gosta, nós gosta, vocês gosta"<sup>13</sup>.

Na obra "A Influência Africana no Português do Brasil," Renato Mendonça<sup>14</sup> apresenta exemplos de influência fonética, destacando a assimilação de fonemas, como a transformação do fonema "j" em "z," exemplificado em "Jesus" se tornando "Zezús" e "José" se tornando "Zozé", além de "negro" se modificando para "nego" e "alegre" para "alegue". O autor argumenta que essas transformações fonéticas são consequência das profundas diferenças entre as línguas africanas e indo-europeias e que esses vestígios fonéticos são particularmente evidentes no dialeto "caipira".

Muito embora esses aspectos de linguagem sejam características da grande maioria da população brasileira, esses exemplos destacam como as comunidades africanas que desempenharam um papel (mesmo que forçado) crucial na formação do

---

<sup>10</sup> CASTIM, Fernando. Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa. **Symposium**, Recife, v. 2, n. 2, p. 35-39, jul./dez. 1998. p. 37.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: 1995. p. 115.

<sup>12</sup> RIBEIRO, 1995, p. 116.

<sup>13</sup> CASTIM, 1998, p. 39.

<sup>14</sup> MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.



Brasil também influenciaram nossa linguagem e a maneira como nos comunicamos no dia a dia, mesmo que frequentemente desconheçamos a origem dessas influências. Dado que a vida cotidiana de muitos brasileiros é profundamente marcada por religião, especialmente a católica e a evangélica, essas influências se manifestam de maneira evidente nos cultos, rituais e sermões, inclusive nas igrejas inclusivas pentecostais.

Nesse contexto, a linguagem "pretogays" surge como uma síntese que combina elementos do português, "pretoguês", pajubá e glossolalia, algo a ser demonstrado tanto do ponto de vista lógico quanto empírico. Destaca-se a descontração durante os momentos pré e pós-cultos na Igreja Inclusiva Cidade de Refúgio, onde as pessoas se sentem mais à vontade na expressão linguística. O autor ressalta a liberdade percebida nesses momentos, destacando como os indivíduos adotam uma linguagem mais informal e descontraída<sup>15</sup>, conforme excerto a seguir:

A condenação da cultura secular *gay* nas pregações da pastora Lana Holder, como a frequência a bares, boates e casas gays, favorece o surgimento de uma cultura *gay* religiosa muito particular no ambiente do templo da Comunidade Cidade de Refúgio. Nos momentos pré e pós-cultos, onde as pessoas agem de maneira aparentemente mais espontânea e relaxada, pode-se observar alguns dos jovens homens gays membros da comunidade religiosa se tratando com pronomes ou tratamentos íntimos femininos: 'ela', 'a senhora', 'a gay'. Também se percebe a presença de uma linguagem religiosa comum entre os evangélicos brasileiros: 'irmão', 'irmã', 'varão', 'a paz do Senhor' etc.<sup>16</sup>

Essa abertura linguística e comportamental é, portanto, uma característica marcante durante esses períodos menos formais de culto, proporcionando um ambiente propício para a manifestação do fenômeno pretogays. Percebe-se, assim, no uso de palavras femininas para indicar intimidade e formas de uso amigável dentre participantes da comunidade LGBTI+, negros/as e pentecostais.

## O PRETOGUÊS, A PAJUBÁ E A GLOSSOLALIA

O "pretoguês", conforme as reflexões de Gonzalez<sup>17</sup>, é um termo que descreve a fusão entre o sistema linguístico do colonizador e do colonizado, onde a língua é modificada e adaptada para manter viva a língua original, como expressões típicas ("não

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. **"O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay"**: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 61.

<sup>17</sup> GONZALEZ, 2020.

vou sair hoje não", "as caixas tão vazias", "o chiclete perdeu o gosto", "amá", "andá", "cê") um pouco diferente do Pajubá, que tem um caráter mais militante e identitário.

Carlos Henrique Lima<sup>18</sup>, em sua tese de doutorado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, adota uma linguagem perspicaz e até mesmo humorística para realizar uma reavaliação do uso do linguajar "bajubeiro", ou seja, "pajubá" característico das populações historicamente marginalizadas. Este tipo de linguagem desafia os discursos predominantes em relação a questões de gênero e sexualidade, bem como questiona as noções tradicionais de sujeito iluminista.

Nesse contexto, o Pajubá, uma linguagem orgânica de resistência LGBTI+, principalmente de travestis e transexuais e homogênea em todo o Brasil, mescla influências do ioruba-nagô, utilizado em religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, com elementos de línguas modernas e termos do português brasileiro, surge como um ato político em um período marcado pela Ditadura Civil-Militar no Brasil<sup>19</sup>. Sua utilização tinha o propósito de resistir à repressão policial e despistar a presença de indivíduos indesejados, especialmente travestis e transexuais, fundamentando-se na noção de performatividade da linguagem e sua capacidade de subversão e resistência.

Alguns exemplos de pajubá são: "ocô", "amapô", "edi", "aquenda", "inhaí", "pessega", "egpícia", "bixa", "deitar", "elza", "alibã", "mona", "bee", "uó". Lima<sup>20</sup> enxerga as palavras e expressões do Pajubá como curiosas e, por vezes, cômicas. Ele enfatiza que essa visão humorística é uma reação ao olhar colonizador, moldado por uma lente europeia que rotula como "exótico" tudo o que não se encaixa em seus padrões. O Pajubá é, essencialmente, uma quebra das normas linguísticas, sendo rebelde e antigramatical. A uniformidade na grafia dessas palavras é algo de pouca importância para essa forma de comunicação.

Isso levanta questões cruciais relacionadas à violência de gênero e de orientação sexual presente nas narrativas e discursos que marcaram a história do Brasil. O emprego do Pajubá pode desempenhar um papel fundamental ao desafiar as estruturas que subjagam e silenciam as expressões de vida, identidades de gênero e sexualidades dissidentes, inclusive em contextos religiosos marcados por relações de

<sup>18</sup> LIMA, Carlos Henrique Lucas. **LINGUAGENS PAJUBEYRAS: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador: Editora Devires, 2017.

<sup>19</sup> LIMA, 2017.

<sup>20</sup> LIMA, 2017.

poder. Um ambiente que ilustra essa dinâmica é o das igrejas inclusivas, onde quer que congreguem pessoas negras da comunidade LGBTI+.

Nestes espaços, para além da glossolalia, fala característica e mística dos pentecostais, alguns optam por utilizar o Pajubá como um ato de resistência ousado e provocador, desafiando a norma linguística imposta pela sociedade e pela ortodoxia religiosa, incluindo membros das próprias comunidades pentecostais tradicionais e, assim, promovendo uma maior inclusão e diversidade, e nisso o "pretogays" recebe sua contribuição.

A relação entre a glossolalia e o termo "pretogays" pode ser aprofundada ao considerarmos os estudos empíricos conduzidos por Santos<sup>21</sup> e Oliveira<sup>22</sup>. Essas investigações destacam que os praticantes dessas manifestações religiosas compartilham uma singular corporeidade, coexistindo no mesmo espaço físico. Além disso, colaboram na expressão de diversas linguagens, abrangendo tanto o "pretogays" quanto a glossolalia, o que contribui para uma complexa construção intelectual e cultural. Essa pesquisa empírica destaca uma interconexão profunda entre o "pretogays" e a glossolalia, revelando a riqueza das relações linguísticas e culturais no contexto religioso analisado.

A partir daqui podemos pensar na contribuição da glossolalia. Para Silva<sup>23</sup>, a glossolalia, também conhecida como "falar em línguas", é um fenômeno linguístico caracterizado pela produção de fala ou sons vocais ininteligíveis, frequentemente sem sentido. Geralmente, está associada a contextos religiosos ou espirituais e é considerada uma forma de comunicação extática ou divina.

A glossolalia, seja expressa espontaneamente ou resultado de práticas intencionais, transcende as barreiras confessionais, manifestando-se em diversas tradições religiosas, abrangendo não apenas igrejas pentecostais e carismáticas cristãs, mas também outras vertentes religiosas não cristãs. Essa prática religiosa não apenas desempenha um papel significativo na transformação individual e na construção de

---

<sup>21</sup> SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal**: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019). 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, 2017.

<sup>23</sup> SILVA, Yask Gondim da. **A glossolalia como fenômeno comunitário**: o sentido do pentecostes ontem e hoje. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

identidades, mas também se revela como um elemento essencial na coesão e fortalecimento das comunidades religiosas.

A análise etnográfica de Oliveira<sup>24</sup> oferece uma perspectiva aprofundada sobre como os agentes religiosos que se envolvem em manifestações linguísticas compartilham uma corporeidade singular. Esses indivíduos não apenas coexistem no mesmo espaço físico, mas também colaboram na expressão de diversas linguagens, incluindo aquelas de natureza reparatória, anárquica, religiosa, identitária e racial, contribuindo assim para uma construção intelectual complexa. Essa interconexão de linguagens se torna especialmente relevante para os estudos comparativos, evidenciando a riqueza e complexidade das relações entre essas diferentes manifestações linguísticas no contexto religioso.

É neste contexto que identificamos a construção do pretogays. Parte dessa etnografia, que transcrevemos abaixo, oferece um vislumbre do ambiente e atmosfera de um culto em uma igreja inclusiva pentecostal e da maneira como a linguagem religiosa se mistura com a glossolalia e às já mencionadas referências femininas para dar espaço a uma linguagem “local”:

Terminando o chamado ‘momento de louvor’ (o período de música), a pastora Rosania segue em uma oração que acirra os ânimos dos jovens ali reunidos. É o momento do êxtase, do ‘fluir do Espírito’. Toda a igreja ora conjuntamente com a pastora, cada um com suas próprias orações. Uns gritam, outros batem insistentemente a palma de uma mão contra a outra, um rapaz visivelmente exaltado põe-se a gritar com grande rapidez sons variados e curtos, com a boca aberta e a língua saltando entre os dentes. Como o rapaz citado, muitos falam em ‘línguas estranhas’ (glossolalia), alguns se sentam e se levantam várias vezes, em êxtase, orando e gritando ‘aleluia’ e ‘glória a Deus’. Neste momento de êxtase o ambiente se assemelha ao ritual das igrejas pentecostais clássicas, como a Assembleia de Deus, de onde são originárias as fundadoras da CCR (Comunidade Cidade de Refúgio). É um momento de ápice em que a corporalidade sinaliza a quebra da rigidez e o extravasamento da espiritualidade através do corpo. A espiritualidade pentecostal é corporificada, pois o Espírito Santo, que é uma das três pessoas da divindade cristã, se manifesta de maneira tangível, através dos dons conferidos aos fiéis, segundo a interpretação pentecostal. As manifestações ali presenciadas, são causadas pela ação desta entidade espiritual, que faz as pessoas chorarem de alegria, gritarem, pularem ou expressarem os seus pedidos à divindade com uma linguagem extática, não compreensível pelos sistemas linguísticos conhecidos. A ‘língua dos anjos’, e os gemidos inexprimíveis são utilizados pelos fiéis para falar com o seu Deus, como o balbuciar da linguagem de bebês. Este momento do rito, como já foi observado na literatura, se assemelha a um grande clímax, ou orgasmo coletivo, presenciado por toda a congregação, que o finaliza com suspiros e salvas de

---

<sup>24</sup> OLIVEIRA, 2017.

palmas, com muitas pessoas ainda com os olhos marejados e recompondo-se dos efeitos da manifestação espiritual.<sup>25</sup>

A corporeidade do pretogays, ainda, mistura-se a gestos físicos como palmas, suspiros e outros. A liberdade dos corpos no ambiente inclusivo pentecostal é, então, representativa de uma liberdade associada ao êxtase característico da busca religiosa pentecostal.

A ponte entre o pretogays e a glossolalia parece um pouco mais complexa por se tratar de linguagem mística pentecostal reinaugurada com o estadunidense, Pastor Seymour, filho de escravizados, que aprendeu a doutrina da descida do espírito santo e a evidência de falar em línguas (glossolalia) ensinando-a na rua Azuza, 312, na cidade de Los Angeles. O movimento da Rua Azuza é popularmente conhecido como marco do início do pentecostalismo moderno, mas, nesta época, já havia simultaneamente narrativas do mesmo fenômeno acontecendo em outras partes e continentes, sem nenhuma conexão uns com os outros. O grande diferencial da Rua Azuza é o “empoderamento” pela glossolalia que motivou os fiéis a se espalharem pelo mundo e a diversidade de classe, gênero e raça (mulheres, negros/as, pobres, migrantes)<sup>26</sup>. De certo, tratava-se de algum poder dado para uma pluralidade de pessoas em vulnerabilidade social.

Era uma doutrina altamente atraente para aquela gente pobre e ‘ignorante’, porque se pregava a possibilidade de um poder esmagador e instantâneo, mediante uma série de experiências religiosas que iam além da experiência dos renascidos.<sup>27</sup>

E por vulnerabilidade e experiências religiosas empoderadoras, pensamos na pesquisa de Natividade<sup>28</sup>, em que etnografou uma igreja inclusiva pentecostal e trouxe exemplos empíricos deste “êxtase” nos cultos e rituais dessas igrejas. Ao falar sobre o fenômeno da glossolalia, o autor discorre sobre uma associação com o poder e/ou ação divina. Em suas palavras:

<sup>25</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 53.

<sup>26</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus.** Assembléia de Deus – origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas – 1911-1946. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.

<sup>27</sup> GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas.** Petrópolis: Vozes, 1995. p. 194.

<sup>28</sup> NATIVIDADE, 2008.



Uma intensa movimentação ocorreu quando algumas pessoas se aproximaram do púlpito, onde receberam orações de alguns líderes da denominação, dentre eles obreiros e intercessores. Eu permaneci só, de pé, dividido entre observar a movimentação e atender ao pedido do pastor para que fechássemos os olhos naquele momento de ministração. Havia uma clara advertência para que não houvesse dispersão, mas concentração no culto, para que o Poder de Deus pudesse agir. O templo foi tomado por manifestações do fenômeno da glossolalia (falar em 'outras línguas' ou 'falar a língua dos anjos'), com muitas vozes sobrepostas.<sup>29</sup>

O fenômeno da glossolalia também é evidenciado por Santos<sup>30</sup> na entrevista com o fundador da igreja inclusiva Comunidade Cristã Nova Esperança – CCNE, Pastor Justino Luiz após a cisão com o Pastor da igreja Acalanto, Victor Orellana em 2014:

[...] como eu falei, o pastor Vitor não era pentecostal, então a liturgia era muito tranquila, não tinha 'Repleplé', nada disso! Então para mim era difícil eu congrega sem falar em línguas, como eu te falei, eu vim de uma igreja muito semelhante a igreja Deus é Amor, então imagina, muito 'repleplé', muito essas coisas de 'fogo' né?! então o choque bom, foi ter uma igreja para o público LGBTI+, o choque ruim é que a igreja não era uma igreja pentecostal, mas era a única, não tinha outra, então eu decidi ficar [...] porque a CCNE desde o começo ela veio num pentecostalismo forte, muito forte.<sup>31</sup>

Repleplé é um termo que se refere ao movimento pentecostal da descida do Espírito Santo por meio da corporeidade e da cinesia como pulos, gesticulações e giros. O fogo, por sua vez, seria a purificação que o Espírito santo provocaria a partir deste movimento.

Com a contribuição deste fenômeno linguístico místico, emergimos na tríade pretoguês + pajubá + glossolalia = pretogays, convergindo no mesmo espaço físico e religioso, interseccionando de maneira única, raça, gênero, linguística e religião como numa possibilidade de comunicação peculiar de comunidades plurais de pessoas negras.

## O PRETOGAYS

De maneira única, a linguagem "pretogays" representa uma nova forma de apropriação linguística decolonial nas igrejas inclusivas pentecostais. Pode ser vista como resultado da interação da categoria epistêmica "pretoguês" de Lélia Gonzalez<sup>32</sup>

<sup>29</sup> NATIVIDADE, 2008, p. 95-96.

<sup>30</sup> SANTOS, 2022.

<sup>31</sup> SANTOS, 2022, p. 94.

<sup>32</sup> GONZALEZ, 2020.

com o linguajar típico "pajubá" usado por pessoas LGBTI+ nas igrejas inclusivas, juntamente com a incorporação de palavras típicas da glossolalia, aqui simbolicamente chamada de "labrashurias".

Nas igrejas inclusivas pentecostais do Brasil, que acolhem a sexualidade dissidente como um dom de Deus, essa linguagem desafia a norma linguística autorizada, que é predominantemente branca e cristã, comumente encontrada no "crente padrão" em ambientes religiosos, especialmente pentecostais. Compreender a linguagem "pretogays" nas igrejas inclusivas pode contribuir para resgatar a construção da identidade de indivíduos negros LGBTI+ pentecostais, rejeitando padrões eurocêntricos, promovendo a autoestima, propagando a diversidade cultural e combatendo o racismo.

Alguns exemplos do Pajubá, como uma forma performativa de linguagem, são utilizados pela população LGBTI+, em sua maioria negros e negras, para se comunicar em diversas situações cotidianas e como uma forma de resistência contra o neoconservadorismo cristão.

Com base em estudos, busca-se entender a linguagem "pretogays" nas igrejas inclusivas como uma ferramenta para resgatar a construção da identidade de indivíduos negros LGBTI+ pentecostais, recusando padrões do cisheteropatriarcado. Além disso, essa linguagem é reconhecida como um ato performativo que solidifica o lugar social de fala dos indivíduos negros LGBTI+ na sociedade. Por meio de uma análise interseccional baseada em revisão bibliográfica, essa abordagem é considerada essencial para compreender as complexas relações dentro desses contextos religiosos que fazem uso da linguagem "pretogays".

A linguagem pretogays destaca que a palavra e a fala como formas de atos performativos estão intrinsecamente ligadas à corporeidade negra, gay e pentecostal, demonstrando a interconexão dessas dimensões identitárias. Essas linguagens não podem ser tomadas como meramente discursivas; são atos performáticos que solidificam o lugar de fala da comunidade LGBTI+ negra no mundo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental destacar a importância da interseccionalidade<sup>33</sup> no que diz respeito a raça, classe, gênero, linguagem e religião que permeiam esses agentes religiosos que utilizam a linguagem "pretogays", onde a palavra e a fala como atos performativos estão intrinsecamente ligadas à corporeidade negra, gay e pentecostal.

Dentre seus componentes, o "pretoguês" é o fruto da fusão entre o sistema linguístico do colonizador e o sistema linguístico do colonizado, buscando preservar sua língua. Já o "pajubá" representa uma performatividade linguística usada principalmente por negros LGBTI+ em várias situações do cotidiano e como uma forma de resistência ao neoconservadorismo. Essa linguagem desafia o linguajar autorizado, branco e hegemônico, predominante entre os "crentes padrão" em espaços religiosos, principalmente pentecostais. O último componente, a glossolalia representa a linguagem religiosa que demarca o pentecostalismo brasileiro pela presença do Espírito Santo que promove êxtase espiritual ou "repleplé".

O uso da linguagem "pretogays" nessas igrejas pode contribuir para a construção da identidade do LGBTI+ negro pentecostal, promovendo a diversidade cultural, elevando a autoestima de seus participantes e combatendo o racismo. Essas linguagens não são apenas discursivas, mas também atos performáticos que promovem o papel do LGBTI+ negro no mundo.

Esses espaços não apenas acolhem a sexualidade dissidente, mas a reconhecem como um dom de Deus. A pesquisa revelou a participação significativa e profunda vivência religiosa da comunidade negra LGBTI+ nessas igrejas. Além disso, observou a existência de uma linguagem denominada "Linguagem pretogays" nesse contexto, uma manifestação da herança linguística diversificada africana que persiste até hoje.

A influência africana em nossa língua é inegável, pois a língua que falamos é mais do que um meio de comunicação; ela reflete as construções socioculturais de seu ambiente de desenvolvimento. Essas influências linguísticas africanas não só moldaram

---

<sup>33</sup> CRENSHAW, 2002.



nossa língua, mas também impactaram as práticas religiosas, inclusive nas igrejas inclusivas pentecostais.

Em um contexto em que a linguagem é uma parte central da religião, o "pretogays" emerge como uma síntese poderosa para reforçar identidades e lutar contra o racismo. Uma análise interseccional destaca essas linguagens como mais do que meros discursos. O pretogays é uma ferramenta de resistência e valorização da identidade negra LGBTI+.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**. Assembléia de Deus – origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas – 1911-1946. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

CARVALHO, José R. de. A Construção da Identidade de uma Nação por meio da Língua Escrita e Falada. **Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 83-90, 2008.

CASTIM, Fernando. Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa. **Symposium**, Recife, v. 2, n. 2, p. 35-39, jul./dez. 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 172, p. 171-188, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.



GUIMARÃES, Eduardo. A Língua Portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, abr./jun. 2005.

JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **LINGUAGENS PAJUBEYRAS: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador: Editora Devires, 2017.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou: a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. 2008. 342 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa. **El País**, São Paulo, 31 jul. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936\\_254948.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html). Acesso em: 31 out. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo Silva de. **“O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”**: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEAD. **Vocabulário como reflexo da cultura**. 2019. Disponível em: <http://www.pead.lettras.ufrj.br/tema10/vocabuloreflexo.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: 1995.

SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal: um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)**. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

SILVA, Yask Gondim da. **A glossolalia como fenômeno comunitário: o sentido do pentecostes ontem e hoje**. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

SULLIVAN, Charles A. **Introduction to the History of Glossolalia**. 2020. Disponível em: <https://charlesasullivan.com/1896/introduction-history-glossolalia/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

Recebido em: 19 fev. 2024.

Aceito em: 20 maio 2024.